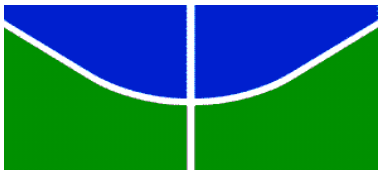
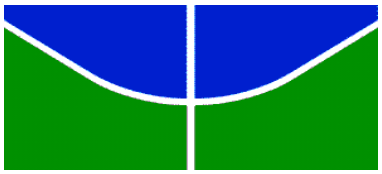


Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia / SECADI/MEC
Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

LUCINETE PEREIRA DE JESUS

DIVERSIDADE CULTURAL: CANDOMBLÉ, A DIVERSIDADE DE RELIGIÃO NA CIDADE CARINHANHA: Religião e Escola: O trabalho docente e discente do Colégio Estadual Coronel João Duque

Brasília/DF
2015



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia / SECADI/MEC
Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

LUCINETE PEREIRA DE JESUS

DIVERSIDADE CULTURAL: CANDOMBLÉ, A DIVERSIDADE DE RELIGIÃO NA CIDADE CARINHANHA: Religião e Escola: O trabalho docente e discente do Colégio Estadual Coronel João Duque

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília (UnB), como requisito para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no contexto da Diversidade Cultural

Professor/a orientador/a: Maria Salete

Brasília/DF
2015

Pereira de Jesus, Lucinete

DIVERSIDADE CULTURAL: CANDOMBLÉ, A DIVERSIDADE DE RELIGIÃO NA CIDADE CARINHANHA: Religião e Escola: O trabalho docente e discente do Colégio Estadual Coronel João Duque

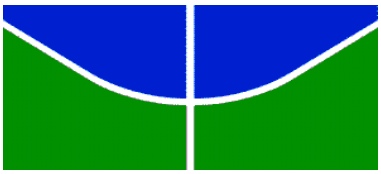
Lucinete Pereira de Jesus. – Brasília, 2015.

97 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2015.

Orientador/a: Maria Salete.

[Diversidade, Cultura, Religiosidade, Escola



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Lucinete Pereira de Jesus, intitulada DIVERSIDADE CULTURAL: CANDOMBLÉ, A DIVERSIDADE DE RELIGIÃO NA CIDADE CARINHANHA: Religião e Escola: O trabalho docente e discente do Colégio Estadual Coronel João Duque, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no âmbito da SECADI/MEC, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

_____

Grau acadêmico e nome completo do orientador (Presidente)

Instituição a qual é vinculado, acrescido da sigla

_____

Grau acadêmico e nome completo do examinador (Examinador/a)

Instituição a qual é vinculado, acrescido da sigla

Brasília, novembro de 2015

Dedico este trabalho ao meu pai Armezindo(in memorian) e Jovecina minha mãe pessoas que estão do nosso lado em qualquer situação e circunstância.

AGRADECIMENTOS

Sempre agradeço tudo que faço a minha filha Fernanda e minhas irmãs Nalva, Sueli, Rosy e Regina, porque não duvido do carinho que temos umas pelas as outras e sei que estão todas torcendo por mim.

Religião.

Aquecida no regionalismo, habituada na cultura, morta em mim.
Por vezes é abrigo da loucura.
Entre vícios, artes, violência e esportes; camufla-se na ideologia.
Envelhece jovens, amamenta velhos.
Chega-me em partes, em pedaços. Retalhos de crenças. Capto pouco. Um mosaico sem credo.
A quem pertenço? A quem blasfemo? Para quem eu canto?
Sinto-me fora.
Sou devoto da gratidão.
Tiago landeira

RESUMO

Esta monografia com tema: DIVERSIDADE CULTURAL: CANDOMBLÉ, A DIVERSIDADE DE RELIGIÃO NA CIDADE CARINHANHA: Religião e Escola: O trabalho docente e discente do Colégio Estadual Coronel João Duque, como pressupostos teóricos, vale destacar, Hall(2006) quando afirma que as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedade de mudanças constantes e permanente(p.14). Com isso podemos perceber que assuntos voltados a fenômenos religiosos são sempre pesquisados e estudados. Como objetivo geral a pesquisa se dá em torno de conhecer a história do candomblé e analisar como a escola trabalha o assunto de diversidade e religião. Para isso foram realizadas conversas com o auxílio de um questionário com os representantes do candomblé de Carinhanha para saber a história e realidade dessa religião na cidade. E com o gestor e dois professores do Colégio Estadual Coronel João Duque para saber o que a escola tem feito e/ou faz sobre diversidade cultural e religiosa. Após essa conversa houve a análise de dados que tem como objetivo perceber os resultados obtidos nessa pesquisa a partir do referencial teórico e da realidade em nossa cidade e nas escolas.

Palavras-chave: Cultura, Religião, Candomblé, preconceito, escola.

ABSTRACT

This monograph with theme: CULTURAL DIVERSITY: Candomblé, RELIGION DIVERSITY IN Carinhanha CITY: Religion and Education: The teacher and students work of Colonel John Duke State College, as theoretical assumptions, it is worth noting, Hall (2006) when he states that societies Modern are therefore, by definition, society of constant change and permanent (p.14). Thus we can see that the issues facing religious phenomena are always researched and studied. The general objective of the research revolves around to know the history of Candomblé and analyze how the school works the subject of diversity and religion. For that conversations were held with the aid of a questionnaire with Candomblé representatives of Carinhanha to know the history and reality of religion in the city. And with the manager and two teachers of Colonel John Duke State College to know what the school has done and / or is on cultural and religious diversity. After the talk there was a data analysis that aims to realize the results obtained in this research from the theoretical framework and reality in our city and schools.

Keywords: Culture, Religion, Candomblé, prejudice, school

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPP – Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....11

1.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....12

1.3 OBJETIVO GERAL.....12

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....12

1.5 JUSTIFICATIVA.....13

CAPÍTULO I- BREVE HISTÓRICO SOBRE O CANDOMBLÉ E RELIGIOSIDADE NEGRA NA CIDADE DE CARINHANHA BAHIA.....14

CAPÍTULO II- O CANDOMBLÉ NA CIDADE DE CARINHANHA.....23

CAPÍTULO III- ANÁLISE DE DADOS.....34

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....38

REFERÊNCIAS.....39

ANEXO.....41

INTRODUÇÃO

Esta monografia com tema e intitulada “DIVERSIDADE CULTURAL: CANDOMBLÉ, A DIVERSIDADE DE RELIGIÃO NA CIDADE CARINHANHA: Religião e Escola: O trabalho docente e discente do Colégio Estadual Coronel João Duque” tem como objetivo pesquisar e discutir questões que se refere a diversidade cultural, de religião e principalmente o candomblé na cidade de Carinhanha.

Durante muito tempo e para muitas pessoas o conceito de religião esteve voltado a sistemas e estudos religiosos ou ainda convicção , espíritos, coisas e seres sobrenaturais, vida após a morte e coisas que dizem respeito a Deus. A religião vai muito além disso, trata-se de uma cultura presente na sociedade bem como da história. De acordo com a Revista de Estudos da Religião (nº 2/2004,p.04) a definição mais aceita pelos estudiosos, para efeitos de organização e análise, tem sido a seguinte: religião é um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos.

Por se tratar de um tema tão amplo a pesquisa acontecerá através de pesquisas nos centros onde os adeptos do candomblé se reúnem para celebrar sua religião, conversas com auxílio de questionários aos representantes do candomblé para que eles possam dizer sobre sua religião e a história da mesma e conversa com o gestor e alguns professores do colégio a fim de saber e entender se essa escola trabalha questões voltadas à cultura e religião, de que modo trabalha ou não.

A cultura de um lugar “bem imaterial” é algo muito importante para a história de um povo, na realidade ela faz parte da vida de cada um sendo como a parte importante de um todo. A religião que também faz parte da cultura e no caso da cultura brasileira é que ela é constituída pela influência de outras culturas, como da África, Europa, Itália entre outras, o que faz da nossa cultura, miscigenada, muito interessante, pois em cada região do nosso país temos influência de culturas vindo de outros países. Na Bahia, por exemplo, é onde a cultura africana tem mais influência e predomina a linguagem, comidas típicas da África, roupas, cabelos, cor da pele e religião sendo uma das mais fortes, o Candomblé.

O motivo de pesquisar sobre a diversidade de religião, com ênfase no candomblé é que às vezes ela causa rivalidade e preconceito. E muitas pessoas esquecem que todas as religiões merecem respeito e faz parte da cultura do povo brasileiro.

É necessário conhecer a história do candomblé religião muito forte na cidade de Carinhanha para entender como as coisas acontecem dentro de uma religião e como o Colégio João Duque pode trabalhar e o que tem feito para minimizar as rivalidades possíveis e preconceito. Iniciativas como projetos e seminários que envolvam a sociedade , sobretudo a comunidade local, pois cada um tem o direito de escolher sua religião e essa escolha deve ser respeitadas por todos.

1.1. Contextualização

Assuntos como cultura e religião são bastantes discutidos seja em reuniões, palestras, projetos e na escola. Na tentativa de sensibilizar as pessoas para que não haja preconceitos sobre diferentes coisas, a cultura é um dos grandes motivos de preconceito na sociedade e muitas vezes sofre atos de discriminação.

A escola por sua vez tem um papel muito importante no trabalho de sensibilizar as pessoas a começar pelos alunos e para que essa prática tenha êxito é necessário haver algumas mudanças ou incremento no Projeto Político Pedagógico-PPP, o currículo deve ter como disciplina, que não tem, a cultura, religião e questões afins. Os profissionais de educação devem se especializar em áreas que possibilite um brilhante trabalho, os professores devem adotar em suas aulas novas técnicas e métodos que contemplem assuntos voltados à diversidade cultural , interdisciplinaridade promovendo assim aprendizagem.

1.2. Formulação do problema

Todo país, estado, município ou comunidade são caracterizados por sua cultura, ou seja, hábitos, costumes e tradições de um povo. Na religião não é diferente cada pessoa ou família defende e segue uma religião, que faz parte da cultura, a diversidade de religião geralmente é um assunto bem polêmico, muitas religiões são encaradas com preconceito, por exemplo, o Candomblé em que muitas discussões são geradas em torno dessa religião as pessoas em sua maioria não busca saber o conceito de religião e fazem pré-julgamentos sobre os costumes do candomblé. A escola como espaço de aprendizagem e transformação pode trabalhar assuntos relacionados a diversidade cultural, nesse sentido o questionamento é: O que fazer, de que modo as escolas podem colaborar para que a diversidade cultural e religiosa sejam vista com devido respeito?

1.3. Objetivo Geral

Conhecer a história do Candomblé e analisar como a escola trabalha o assunto de diversidade cultural e religião.

1.4. Objetivos Específicos

Pesquisar sobre as religiões em Carinhanha.
Pesquisar as dificuldades enfrentadas pela religião do Candomblé.
Entender os costumes da religião do Candomblé.
Observar as intervenções e ações pedagógicas com relação à diversidade cultural e a religião do Candomblé do Colégio João Duque.

1.5. Justificativa

Assim como já mencionados a diversidade cultural é algo que faz parte da história de um povo, bem como a religião. Faz-se necessário saber que em nosso país há uma diversidade cultural, a mistura de diferentes raças, etnias, línguas, cultura, religião que na época da colonização foram adentrando em nosso país assim como os colonizadores, escravos e pessoas de outros países que vieram para morar e trabalhar em nosso país.

Pesquisar sobre a diversidade cultural com ênfase na religião do Candomblé é uma atividade importante, pois precisamos conhecer mais sobre estes assuntos e de modo geral identificar o preconceito fazendo da pesquisa um meio possível de sensibilizar as pessoas sobre nossa cultura de modo que o preconceito possa ir se extinguindo e que todas as culturas sejam valorizadas e respeitadas. Vale ressaltar que é interessante saber como as escolas, nessa pesquisa o Colégio João Duque, em suas práticas pedagógicas trabalham tal tema.

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRICO SOBRE O CANDOMBÉ E RELIGIOSIDADE NEGRA NA CIDADE DE CARINHANHA BAHIA

O candomblé é uma religião afro-brasileira, que surgiu no Brasil no período colonial, entre os séculos XVI e XIX, e de forma mais precisas a partir do intenso processo de escravidão orçada dos africanos que foram trazidos para o Brasil como escravos para trabalharem o trabalho pesado e sem gratificação. Com a chegada dos escravos, vale ressaltar, que chegaram também culturas diferentes, inclusive, a religião dos povos vindos da áfrica.

Culto antigo, o candomblé tem como objetivo a adoração aos orixás, considerados como espíritos da Natureza, provenientes dos elementos terra, fogo, água e ar.

Desse modo, é possível perceber com relação a religião e cultura afro-brasileira e negro-africana refletem uma visão de que as pessoas vão se adaptando e integrando com as mudanças e novidades que acontece em seu meio.

Considerando os estudos sobre a África percebe-se os motivos que levam alguns adeptos do candomblé a também a participarem das missas dominicais visto que dois cultos que tem fé diásporas e que em tese um deveria negar o outro, algo que não acontece com esses participantes que frequentam o culto cristão e o culto do candomblé.

Sobre isso Hall (2006, p. 14) diz:

> As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedade de mudanças constante e permanente.(HALL2006, P.14)

De acordo com a afirmação de Hall, percebe-se que os estudos das religiões contraíram importância, pois movimenta dezenas de cientistas no campo da sociologia da história, através de suas teorias avaliam os fenômenos religiosos sobre diferentes aparências.

É importante perceber que os estudos sobre o candomblé são diversos, múltiplos são os trabalhos que tem como artifício de estudo a religião supracitada, afro-brasileira brotada no período colonial e que resistiu a perseguições cominada pelos chefes civis e religiosos que comandavam o Brasil entre o século XVI e XIX.

> Nem precisa ser adepto do candomblé, religião trazida para Bahia pelos africanos para vestir roupas brancas na sexta-feira. Esta já é uma tradição na Bahia, em homenagem ao Deus Oxalá que, no sincretismo com a religião católica, representa Jesus Cristo. E muitos outros costumes, trazidos com essa religião afro, já se incorporam ao dia-a-dia dos baianos, de todas as raças e classes sociais. (PRANDI, 1989, p.221).

Essa religião tem poder predominante na Bahia, sobretudo no interior desse estado, onde as pessoas andam nas ruas com estas vestes, em Carinhanha, por exemplo, muitos se vestem à moda candomblé – roupas e penteados e as comerciantes de Acarajé se vestem todos os dias de branco com lenço branco na cabeça.

É possível perceber que – de acordo com leituras e trabalhos realizados sobre essa religião - no início da colonização os cerimoniais do Candomblé eram cometidos em suas senzalas e nos terreiros pelos escravos africanos e seus descendentes. O antigo terreiro de Candomblé da Bahia, considerado o mais antigo, nasceu há 450 anos, é conhecido como Engenho Velho ou Casa Branca e fica situado na Avenida Vasco da Gama, na cidade de Salvador. O engenho velho deu origem a duas casas consideradas, ainda hoje de grande importância: o Gantois, na Federação, e o Axé Opô Afonjá, em São Gonçalo do Retiro, que deram origem a muitas outras, em canto de Salvador, das principais cidades do interior e de outros estados brasileiros. (PRANDI, 1989, p.5-13).

O candomblé além de uma religião é também uma cultura onde os adeptos dessa religião tem maneiras diferentes de se vestir comer e também os rituais nos dias de encontro, há uma simbologia em torno de tudo que eles fazem.. São deuses que eles veneram e cada coisa que fazem dentro do candomblé tem seu significado, assim como em qualquer outra religião. De acordo com Prandi (1989, p.34) são deuses guerreiros protetores da caça, da maternidade, reis e rainhas da África e outros que vivem nos corações de seus descendentes. Eles são venerados em iniciações secretas e em festas de um ciclo anual, dedicados a cada um deles. Nas festas abertas ao público, homem de um lado, mulher de outro, os filhos de santo e

adeptos dançam vestidos com as roupas e cores características, ao som de atabaques, entrado em transe e incorporado os espíritos dos orixás.

E no Candomblé eles se inspiram na igreja católico, talvez porque a religião católica predominava por aqui na época que os escravos chegaram e assim para eles cada orixá tem seu correspondente na Igreja Católica, com seus atributos próprios, como: dia da semana, cores, vestes, saudações e comidas. Domingos é dia de todos os Orixás. Identifique-se com um e reze para ele, pedindo proteção, saúde e paz acima de tudo:

- Nanar - a mais velha dos orixás das águas.
- Seu dia: terça-feira
- Representação católica: Senhora Santana
- Iemanjá - também conhecida como Janaina, sereia do mar, Dandalunda, rainha das águas. Sábado é o dia-Rosa e Azul claro.
- Omolu - Segunda-Feira, Vermelho e preto são Lazaro. (PRANDI, 1989)

O candomblé para muitos é uma religião de negros pelo fato de ter aparecido no Brasil com a chegada dos escravos, porém engana-se quem pensa assim, nos dias atuais é possível perceber a presença de todo tipo de gente, seja rico ou pobre, branco ou negro – indistintamente e isso da um ar de transformação e mudanças e inovações na religião. É possível perceber também que em cada região o candomblé ganha cara e dimensões diferentes.

O Candomblé - religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constitui na Bahia no século XIX - demais modalidades religiosas de Xangô, em Pernambuco, tambor-de-mina, no Maranhão, e batuque, no Rio de Janeiro Sul, formavam, até meados do século XX uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afrodescendentes, resistência à escravidão e aos mecanismos de denominação da sociedade branca e crista que marginalizou os negros e os mestiços mesmo após abolição da escravatura. Eram religiões de preservação do patrimônio étnico dos descendentes dos antigos escravos. (BASTIDE, 1945, p.19 e 1978, p.71).

No transcorrer da década de 1960, entretanto, o velho candomblé surgiu como forte competidor da umbanda. Com sua lógica própria e sua capacidade de fornecer

ao devoto uma rica e estimulante interpretação do mundo, o candomblé expandiu-se da Bahia para todo o Brasil, seguindo a trilha já aberta pela vertente umbandista. Foi se alterando e se afeiçoando às novas condições sociais e culturais. Religião que agora é de todos, o candomblé, enfatiza a ideia de que a competição na sociedade é bem mais aguda do que se podia pensar que é preciso chegar a níveis de conhecimento mágico e religioso muito mais densos e cifrados para melhor competir em cada instante da vida, que o poder religioso tem amplas possibilidades de se fazer aumentar. Ensina que de se fazer aumentar. Ensinar que não há nada a esconder ou reprimir em termos de sentimentos e modos de agir, com relação si mesma e com relação aos demais, pois neste mundo podemos ser o que somos, o que gostaríamos de ser o que somos, o que gostaríamos de ser é o que os outros gostariam que fossemo-la um só tempo (PRANDI,1991, p.56 e 1996, p. 69).

Vale ressaltar que muitas pessoas da religião do candomblé de alguma forma tenta comercializar ou usar a religião de alguma forma para ganhar dinheiro. Muitas pessoas acreditam que seu problemas estarão resolvidos se pagar pelos serviços de magias. Há quem acredite e até afirma que dá certo, porém é algo muito pessoal e cada pessoa tem suas particularidades ou algo diferente a dizer, e se fossemos coletar o depoimento de cada um escreveríamos muitos livros.

Como agência de serviços mágicos, que também é, oferecer ao não devoto a possibilidade de encontrar solução para problemas ao não resolvido por outros meios, sem maiores envolvimentos com a religião. Sua magia passou a atender a uma larga clientela, o jogo de búzios e os Ebós do Candomblé rapidamente se popularizam concorrendo com as consultas a caboclos e pretas velhos da Umbanda. Parcela importante de legitimidade social que a cultura negra do Candomblé desfruta hoje foi gestada a partir de uma nova estética formulada pela classe média intelectualizada do rio de janeiro e de São Paulo nas décadas de 1960 a 1970, que adotou e valorizou mais do que nunca aspectos negros da cultura baiana seus artistas e intelectuais. (PRANDI, 1991, p.133),

Com a chegada de milhares de negros – de diversas etnias, vindo da África é possível perceber que acontece ali uma diversidade cultural, a cultura que cada um trazia e a do Brasil. Sabemos que muito grande foi o sofrimento dos escravos negros, mas é importante perceber que toda vivencia e bens imateriais trazidos pelos negros ganha uma nova cara aqui no Brasil, o candomblé é um exemplo disso,

ou seja, se processou em território brasileiro no mesmo período em que os escravos viviam um intenso, longo e doloroso procedimento histórico em que os ex escravos acolchoam laços territoriais e comunitários onde não se tratava apenas de sobreviver espiritualmente, mas sobretudo do corpo, de uma maneira de viver.

Muniz Sodré (1988, p.18) afirma que:

> Do lado dos ex-escravos, o terreiro de (candomblé) afigura-se como a forma social negro-brasileiro por excelência, por que além da diversidade existencial e cultural que engendra, é um lugar originário de força ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais. Através do terreiro e de sua originalidade diante do espaço europeu, obtêm-se traços de forte subjetividade histórica das classes subalternas no Brasil. SODRÉ 1988, p.18.

A imagem de agitação ou movimento refere a um dos elementos mais importantes do Candomblé, a figura de Exu, senhor do movimento sem fim, tal figura é responsável pela existência dinâmica da realidade, tudo modifica, seres humanos, arvores, pedras, todos são cúmplices em uma afinidade que é oferecida pelo volume de um jogo Cósmico. As possibilidades vão sendo construídas o tempo todo. A regra do jogo consiste em acertar, isto é, a regra encontra-se na palavra acerto, acertar ponto, entrar em um acordo, finalmente aparentar e disfarçar a realidade..

Para os adeptos do Candomblé a vida é um ato de alegria que se perpetua entre os parceiros do cósmico. Mas viver o hoje não implica uma visão pós - moderna de vida, um imediatismo infrutífero, mas sim, uma relação de ético comunitária, a felicidade de um dever estar imbricada a felicidade de todos. Afinal é Candomblé. (SODRÉ, 1988, p. 25).

Sob esse prisma vale lembrar que o candomblé é, portanto, o candomblé é uma religião que atribui uma alma a animais, fenômenos da natureza e a todas as pessoas. Derivado do animismo africano que presta culto aos orixás, vodus, Nkisis, a depender da gente das religiões afro-brasileiros e familiar, é uma das religiões afro-brasileiras perpetradas principalmente no Brasil, pelo chamado povo de santo, mas praticadas também em outros países como Alemanha, Venezuela, Espanha, Portugal,Uruguai, Argentina, Colômbia, Panamá, México e Itália.

As pessoas que seguem uma religião, tem a sua religião como uma fonte de verdade e acredita em tudo que acontece em torno de sua religião, transformando-a em símbolo de verdade. Em qualquer religião acontece isso, seja católica ou evangélicos Se você tem a sua verdade, a do outro está errada. Isso vale de católico para evangélico, ou afro e até mesmo no candomblé.estamos vendo ou ouvindo falar.

Trazidas com diáspora forçada pelo processo de escravidão no Novo Mundo, as crenças de origem africana, fincaram raízes profundas em nossas terras e acabaram por constituírem-se em elementos essenciais para a constituição e entendimento da identidade cultural brasileira.

Na religião e cultura dos negros vale apontar que em muitos momentos foram alvo de perseguições, preconceito e discriminação.

> “Dessa forma, predizer o futuro por qualquer artifício, rezar para ídolos, fazer beberagens eram atividades que presumiam a intercessão de Satói; portanto deveriam ser punidos severamente e extintas”. [...] A violência e perseguição consentida aos cultos africanos explicitaram-se no âmbito legal na carta constituinte de 1824, a qual forçava os negros, às escondidas e recorrente revestida de aparato católico, manifestar suas práticas religiosas; uma vez que de acordo com as mesmas, a liberdade ao protestantismo de brancos estrangeiros residentes no pais. (SOARES, 1992, p.134).

De acordo com a historiografia, ainda no continente africano, a partir de uma longa história de contato cultural entre os dois grupos os cultos ao voduns de origem “jeje” e o culto aos orixás de origem ioruba apresentavam grandes semelhanças. Em terras brasileiras devido ao que Nina Rodrigues denominou de “íntima fusão” entre essas tradições, as práticas religiosas foram comumente classificados como Jeje ola nagô. (PARES, 2005, p.24).

Muitas são as histórias em torno das coisas praticadas pelos negros, viam como algo errado ou diabólica um comportamento desrespeitoso sobre a cultura e costumes dos negros.

Em 1810, sob o falso escudo de um governo reformista e liberal do conde dos Arcos, vemos o abrandamento das perseguições ao culto. “Com a missão de modernizar a Bahia e partidário das diversas “nações” africanas, pequena liberdade que estimularia a diferença entre elas impedindo-as assim de se unir contra a ordem colonial”. Arcos tornou-se irmão honorário da irmandade dos Martírios em 1811. (SILVÉRIO, 2005, p.22).

Já para BARROS e TEIXEIRA(2000, p.103) os terreiros, roças ou casa de Santa, designações usuais para espaço e grupos de cultos aos orixás, inquices e vodus -“representavam historicamente formas de resistência cultural e coesão social”.

Vale ressaltar nesse fluxo o papel essencial das mulheres que foram tidas para serem escravas e originou uma descendência escrava, as mulheres negras africanas ou mestiças, auferiram o espaço da rua como servas de ganho, compraram alforrias, se volveram livres por constituírem acordos entre brancos e negros, homens e mulheres, religiosos e curiosos.

O Brasil é um país rico em cultura nele há uma diversidade cultural, em meio a tantas culturas é possível ver que alguns costumes são encarados com preconceito por algumas pessoas ou classes.

> “A unidade na diversidade religiosa cultural afro-brasileira, está na concepção de Deus como origem, no orixá como poder ou força cósmica, na concepção de deus como parceria, Deus e Orixás que são também parte da humanidade, humanidade do homem”. (SANTOS, 1997, p.20)

No candomblé está registradas diversos costumes e nome característica fundamental dessa religião.

Para Pierre Veger (1999, p.33) Entre os nagôs, na Bahia, a nação Ketou era particularmente importantes, em consequência das numerosas guerras que, no inicio do século XIX, opuseram os reinos vizinhos de Aboné e de Ketou”. Foram estes

últimos que criaram os primeiros terreiros de candomblé. O ritual de suas cerimônias influenciou profundamente o de outras nações.

Santos 1981, diz:

> "Nos candomblés de caboclo, o ritual é mais ou menos semelhante ao ritual Jeje-Nagô, sendo mesmo possível, como teve oportunidade de assitir no candomblé da Goméia, em São Caetano, a coexistência das duas formas. Mas os Santos, que aqui se chamam encantados, já não são os mesmos e se vestem penas, embora essa vestimenta não seja obrigatória". (SANTOS, 1981, p.62).

O Candomblé é uma religião brasileira vinda da áfrica e que muitos a conhecem também por culto dos orixás, que tem origem totêmica e de familiar. Uma religião que baseia-se na alma da natureza, assim sendo chamada de anímica e/ou panteísta, sendo desenvolvida no Brasil com ciência dos sacerdotes africanos, que aqui foram escravizados e trazidos da África, ao lado de seus deuses, chamados de Orixás, Nkisi e Vodus, os costumes, cultura, idiomas, entre 1549 e 1888. Prontamente, uma religião que teve sua formação tão somente negra.

O terreiro de candomblé é um ambiente em que se vinculam tradições miliárias por meio da palavra. Esta religião de raiz africana não tem livro sagrado, desse modo os conhecimentos são adquiridos do mais velho para o mais novo, de boca em boca, como os *griots* - velhos contadores de histórias da África.

Portanto é interessante entender que toda religião tem sua história, ou melhor dizendo tem uma memória religiosa construída a partir de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muito distantes no passado" (HALBWACHS, 1990, p.157). Assim, o candomblé torna-se o local do discurso de Mãe Beata, sendo o local gênese de suas memórias. Ortiz (1978) observa que:

> [...] uma conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro. [...] é um produto afro-brasileiro resultante do 'bricolage' desta memória coletiva. [...] Para o candomblé a África continua sendo a fonte privilegiada do sagrado, o culto dos deuses negros se opondo a uma sociedade brasileira branca ou embranquecida. (ORTIZ, 1978, p.13-14).

Com essa afirmação é possível perceber que o Candomblé puro acontece na África e aqui no Brasil, outros costumes e culturas se juntaram ao Candomblé africano dando a ele uma nova roupagem.

CAPÍTULO II

O CANDOMBLÉ NA CIDADE DE CARINHANHA – BAHIA

Existe na cidade de Carinhanha, interior da Bahia muitos tipos de religiões (católica, protestantes, ateus) e uma delas é o Candomblé, os adeptos dessa religião aqui em carinhanha se reúnem em um local que tem nome de Centro.Os seguidores dessa religião se reúnem de acordo com a tradição da religião. Este centro localiza-se em Carinhanha no Bairro Alto da Colina, a representante superior é chamada de Cleide Leifa Souza Lima, com a idade de 48 anos, casada, mãe de seis filhos que é a representante maior local.

Segundo Cleide Lima, a história inicia-se com origem de sua mãe-de-santo que veio de Sergipe e trouxe experiências da religiosidade negra para Carinhanha cujos valores vivenciados no referido centro dando continuidade de sua vida na religiosidade negra fazendo adesão com os conhecimentos, em relação às origens do candomblé da Bahia em relação com a religiosidade de Salvador.

Abaixo segue foto da senhora Cleide, representante do candomblé de Carinhanha.

Foto-01- Cleide Leifa Souza Lim

LIMA, 2006

O referido centro de Cleide Lima possui registro legal no fórum de Carinhanha para o seu funcionamento devido segundo a carta Magna, que assegura a liberdade de culto para todas as religiões dentro do processo da igualdade humana. Desse modo encontramos em ata do referido centro que transcrevo nessas pautas com o nome de centro de Umbanda Caboclo Gentil Guerreiro horas citados. O centro teve fundação no ano de 1995 aqui em Carinhanha no cartório de registro de imóveis e hipotecas do BEL. José Sales Pereira na comarca de Carinhanha, e registro no dia 05 de setembro de 1997, com filiação nº2375 da União de Tendas de Umbanda e Candomblé do Brasil, rua Alves Guimarães nº 940, na cidade de Pinheiros em São Paulo. Com o CEP 05410-001 – Brasil. Tendo como presidente Gercília Menezes Dias, como 1º secretária Genilda Meneses.

Os eventos no centro é realizado 3 vezes na semana nos dias de segunda, quarta e sexta-feira, com início previsto para 20h00min e encerramento previsto para 22h00min.

De acordo com a representante maior Cleide o centro tem origens na religiosidade africana já existente na Bahia e em Carinhanha. Com a reflexão e incorporação dos Orixás que estão relacionados como Santos, com seus respectivos significados, enriquecendo cada vez mais a sua religiosidade dentro de suas práticas. Nessa dimensão de conhecimento da religiosidade negra tem como fonte

fundamental de uma confederação religiosa pautada nessa natureza, a qual provém de um centro de região de Pinheiros em São Paulo do qual o centro em Carinhanha possui raízes deste local relatado, assim como a religiosidade negra da região da Bahia tem caráter somativo da cultura religiosa africana que posteriormente deu arrimo do conhecimento do então centro representado em Carinhanha nas suas diversas formas de cultuação do sentimento da crença negra na cidade de Carinhanha. Neste centro podemos observar a presença de Santos e elementos católicos na sua variedade de cultos. Assim nos leva a crer que os valores da religiosidade que se encontram no centro têm uma relevância imensa do candomblé regional.

A partir de relatos de Cleide Lima relata que o candomblé em Carinhanha é o mesmo candomblé da África e do Brasil, e os elementos nele encontrados grande parte já existem em diversas regiões da Bahia e também em outras no Brasil, mas existe alguns elementos de outras regiões que não existe neste centro. Os elementos que encontramos nos respectivos rituais têm consistência forte nas praticas dos rituais trazendo uma abordagem concreta do sincretismo. Os santos que existe e prestam cultos nesse local são: São Jorge, Preto Velho, São Cosme e Damião, Nossa Senhora do Rosário, Santa Barbara, Senhora Aparecida. Nesta relação de conhecimentos os santos que prestam cultos conforme depoimentos da senhora Cleide, possuem seus respectivos significados como os Orixás associam como santos católicos dentro do sincretismo cultuados mediante dos seus rituais de culto popularmente existente na religiosidade local. No sincretismo Iansã, a Santa Barbara, Iemanjá a Nossa Senhora da Conceição, a senhora dos mares sendo assim o seu dia é festejado jogando oferendas como flores, velas e a comida, e cantando com os demais orixás. Cada qual tem seus respectivos festejos de acordo com os costumes e tradições religiosas, as cerimônias ocorrem em seus templos devido o ambiente que realmente não causam incômodos e aborrecimentos de suas manifestações religiosas. Não se esquecendo de São Cosme e Damião amigos das crianças e responsável por agilizar qualquer pedido em troca de doces. No dia de sua comemoração distribui doces para crianças no dia 27 de setembro.

Cosme e Damião são Orixás gêmeos de Xangô e Iansã, no sincretismo religioso, divindades protetoras do parto duplo. A depender do lugar, com as comemorações os orixás dependendo da entidade, eles tem preferências de cores de roupas, de alimentos e bebidas. Usando sempre o ritual é todo branco. Sendo

assim o centro não é costumado trabalhar com medicamentos, apenas incorporações. Portanto o candomblé varia conforme o lugar os processos são distintos.

Vale lembrar e de acordo com a afirmação de Cleide, o seu centro está ligado ao candomblé da Bahia de acordo os atabaques que são os tambores, iniciando os rituais com cânticos e orações católicas, e esses preceitos vieram da África. Portanto o centro está sendo cultuado a partir de religiões de Umbanda e Kim banda. Desse modo considerado deuses na prática do bem e do mal.

Cleide afirma que o centro tem raízes do candomblé regional principalmente de Salvador. Portanto, a capital de Salvador é resultado de afro-brasileira, onde o candomblé e umbanda são as principais religiões, crenças e costumes africanos.

Na capital de Salvador em 1991 havia 648,5 mil adeptos de acordo com o censo, estudiosos dessas religiões, no entanto, estimam que um número muito maior frequentam centro de forma esporádica, mas estão ligadas também a outras religiões candomblé: cultua os orixás, Deuses das nações africanas de língua Ioruba dotados de sentimentos humanos como ciúme e vaidade. O candomblé chegou ao Brasil entre os séculos XVI e XIX com o tráfico de escravos negros trazidos da África Ocidental. O candomblé sofreu grande repressão dos colonizadores portugueses que o consideravam feitiçaria. Para sobreviver as perseguições, os adeptos passaram a associar os orixás aos Santos católicos, em um processo chamado de sincretismo religioso. No sincretismo, Iemanjá é associada a Nossa Senhora da Conceição, Iansã, a Santa Barbara, etc. A lavagem do Bonfim em Salvador-Ba, é um dos exemplos da fusão religiosa do catolicismo com o candomblé. As cerimônias ocorrem em templos chamados terreiros, sua preparação é fechada e envolve muitas vezes o sacrifício de pequenos animais. São celebrados em língua africana e marcados por canto e ritmo dos atabaques (tambores), que variam segundo o orixá homenageado. No Brasil, a religião cultua apenas 16 dos mais 200 orixás existentes na África.

Uma das festas mais conhecidas do candomblé brasileiro é a de Iemanjá, orixá feminino considerado a rainha dos mares e oceanos. A comemoração acontece no dia 2 de fevereiro, na Bahia, e na noite de 31 de dezembro, no Rio de Janeiro. Os devotos levam oferendas ao mar, e, segundo a tradição, Iemanjá surge envolta em espuma para recebê-las.

Nos terreiros além de chefiar os rituais, os pais-de-santo e as mães-de-santo recebem os fieis em sessões individuais para revelar o orixá de cada um, tradicionalmente pelo jogo de búzios. A identificação do orixá, ou santo no sincretismo, ajuda o fiel a entender a própria personalidade. Para o fiel, cultuar o candomblé significa equilibrar suas energias (axés) com as energias de seu orixá.
Umbanda: religião afro-brasileira nascida no Rio de Janeiro nos anos 20; fruto da mistura de crenças e rituais africanos e europeus. As raízes umbandistas encontram-se em duas religiões trazidas da África pelos escravos: a cabula, dos santos, e o candomblé, da nação nagô. A umbanda considera o universo povoado de entidades espirituais, os guias, que entram em contato com os homens por intermédio de um iniciado (o médium) que os incorpora. Tais guias se apresentam por meios de figuras como o caboclo, o preto velho e a pomba gira. Os elementos africanos misturam-se ao catolicismo, criando a identificação de orixás com santos. Outra influência é o espiritismo Kardecista, que acredita na possibilidade de contatos entre vivos e mortos e na evolução espiritual após sucessivas vidas na terra. Incorpora ainda ritos indígenas e práticas mágicas europeias.

Precisamente fizemos uma averiguação necessária sobre os estudos do candomblé regional principalmente de Salvador, e pudemos embasar conhecimentos com relação aos elementos de seus respectivos rituais e percebemos que há semelhanças de suas práticas, bem como os elementos encontrados no candomblé existem praticamente em quase todas as regiões da Bahia, com exceção de alguns elementos que já estão relatados no candomblé de Salvador.

O momento de conversa com pessoas de dentro do candomblé carinhanhense é muito importante para essa pesquisa e para o pesquisador como pessoa e moradora dessa cidade, pois trata de um conhecimento que só tem a enriquecer o nosso aprendizado e também respeitar as diferenças de cada um e suas escolhas.

Genilda também fala do candomblé de carinhanha e faz o seguinte depoimento:

Eu Genilda Menezes tenho 59, solteira, mãe de quatro filhos, enfermeira e professora residente e domiciliada na cidade de Carinhanha relato um pouco sobre a origem do Centro de Umbanda Caboclo Gentil Guerreiro onde frequento desde meus 18 anos de idade. Já tenho 38 anos que

participo sempre frequentava com medo. Durante o culto percebia que meus pés e mãos gelavam, o mundo ficava rodando e daí não via mais nada. Não sabia como comportei, o que fiz, só fiquei sabendo pela boca dos outros. Aconteceu isso você recebeu orixás, rezou alguém no santuário, o seu procedimento foi significante. A minha escrava se chama Maria Padilha O. E, portanto o Candomblé dependendo do lugar os procedimentos são diferentes.

Nós trabalhamos com os orixás, eles incorporam, ou seja, se manifesta no corpo da pessoa de que esteja preparado para receber essas entidades. Quando vamos fazer algumas oferendas nós temos que está preparado. Não pode beber bebidas alcoólicas e nem praticar relações sexuais. E assim costuma baixar Santos como Ogum e Iansã etc. (MENEZES, 2015)

De acordo com o depoimento percebe-se que para participar tem todo um procedimento e que deve ser seguido, percebe-se também que as pessoas gostam do que fazem.

Para Munanga (2006, p.74), o catolicismo foi um período escravocrata uma das únicas formas de preservar as perseguições religiosas africanas. Nas romarias, procissões, festas e oratórios, bem como em outros espaços religiosos apropriados, a resistência da cultura negra se manteve, modo de classificação se traduz numa ilusão de que os terreiros, além de apresentarem muitos dos padrões africanos de cultos, possuíam uma identidade grupal étnica com os reinos da África.

Outra pessoa de dentro do candomblé também faz suas considerações sobre o centro:

Eu sou Edilson Menezes Paes Landim, 41, casado, tenho dois filhos. Frequento o centro de dona Cleide que se chama Centro de Umbanda Caboclo Gentil Guerreiro. Apenas tinha 12 anos quando a minha Cleide descobriu que eu estava muito doente. Para que eu pudesse melhorar, eu teria que frequentar o mesmo. E assim comecei a minha vida frequentando, em busca de melhorias, fazendo a limpeza trabalhando para desenvolver meus guias se não eu continuaria doente.

Meu guia se chama São Cosme e Damião, protetor das crianças sendo comemorado no dia 27 de setembro, é uma festa muito bonita usando vela branca, incenso, cada um dos orixás tem suas preferências de cores. O centro é aberto para quem quiser ir, crianças, adolescentes adultos, independentemente de qualquer religião. Sendo assim algumas pessoas criticam contra o centro, porém o mesmo seja considerado um lugar de macumbaria. Na verdade o papel do centro é praticar o bem e o mal conforme o pedido de cada pessoa. (PAES LANDIM, 2015)

Foto-02– Cosme e Damião (protetores das crianças)

Autoria do organizador

De acordo com essa fala é possível perceber que no candomblé as pessoas tem suas intenções sejam elas boas ou ruins e cada um responde pelo que faz, ou seja, é responsável por querer o bem ou o mal.

Consoante Verger (2000, p. 37) o culto prestado aos Orixás dirige-se a principio, as forças de natureza. É verdade que ele apresenta uma força da natureza, mas isso não se dá sob a sua forma desmedida e descontrolada. Ele é apenas parte dessa natureza, sensata, disciplinado, fixa, controlável que estabelece uma relação entre o homem e o desconhecido.

O depoimento de Sebastiana Nunes Oliveira também fala sobre o candomblé e da seguinte forma:

O candomblé não é uma religião como qualquer outra. Sendo assim a maior parte das pessoas não vê com bons olhos, muitos tem medo, às vezes não acredita, outras fingem não acreditar ignora, e muitas vezes frequenta por debaixo do pano com medo de represália, devido ao preconceito, de suas práticas e rituais que ainda não são vistos com bons olhos por parte da sociedade (NUNES, 2015).

Foto-03- Batuques

Autoria do organizador

E no depoimento de Reinaldo Martins ele declara que:

O Candomblé nasceu aqui no Brasil, no tempo da escravidão pelo o qual os negros festejavam nos terreiros em forma de danças batuques e atabaques praticados em formas de orixás, servindo para eles como santos em forma de curar os doentes. Apesar de que realmente naquele tempo eles não tinham direito a um médico branco. Foi a partir daí que surgiram os orixás que hoje ainda existem preconceitos sobre a religião do Candomblé (MARTINS, 2015).

Foto-04- Nossa Senhora Aparecida

Autoria do organizador

De acordo com o relato de Reinaldo percebe-se que o candomblé tem raízes africanas e que aqui no Brasil ganha outra roupagem e além disso os escravos usavam essa religião para se divertir e amenizar as dores e agonias vivenciados naquela época.

Leopodino Santos faz a seguinte declaração a respeito de sua vivência no Candomblé de Carinhanha:

Eu participei do candomblé de Carinhanha muito tempo, sei que o candomblé é uma religião como qualquer outra. Portanto para muitas pessoas o candomblé é considerado como religião pagã, demoníaca. Como a maioria de muito não tem esse conhecimento, o mesmo ainda é vista como preconceito. Já participei de vários como umbanda e quimbanda e realmente são rituais culturais religioso do povo africano de buscar seus deuses dentro de suas crenças tanto na prática do bem e na prática do mal. Na umbanda visa fazer o bem as pessoas que precisam de ajuda e expulsamos demônios, e na quimbanda é uma forma de castigo contra para quem os deixam as práticas do candomblé. Os santos cultuados sempre são conhecidos em muitas práticas da Bahia como: São Jorge, Cosme e Damião, Nossa Senhora Aparecida. Esses são os principais orixás conhecidos no candomblé da região de Carinhanha. E o mesmo veio para aqui, foi desde a escravidão e do abolicionismo. E, portanto, o candomblé do centro de Dona Cleide tem essa visão ou seja, os mesmo preceitos com o da Bahia principalmente ode Salvador. Foi a partir daí que o mesmo aumentou e o povo teve mais conhecimento sobre o candomblé. (SANTOS, 2015).

Foto-5- São Jorge

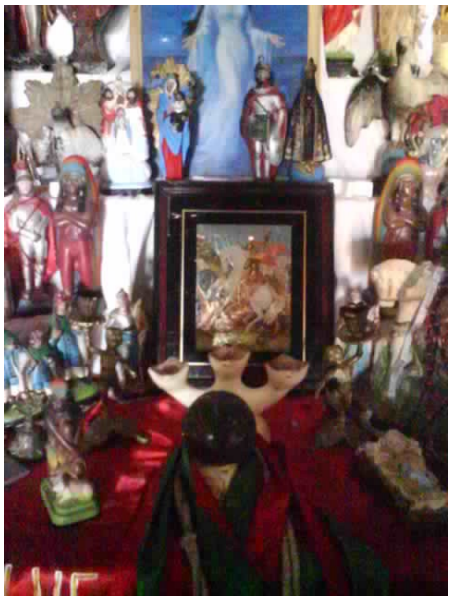
Autoria do organizador

Leopoldino relata entre outras coisas que o candomblé veio da áfrica e que visa fazer o bem.

Luciana Castro em seu depoimento fala que:

O candomblé é uma religião de antepassados, é uma religião africana que existe desde os tempos remotos daquele continente e foi trazida para o Brasil através do fluxo da escravatura. Escravos de diversas tribos e nações africanas continuaram a cultuar no Brasil os orixás negros, suas divindades, e estiveram na origem da criação das chamadas casas de santos, onde continuaram como seus rituais e preceitos africanos. Proibido pela igreja católica foi criminalizado por governos, o candomblé expandiu-se desde o fim da escravatura em 1888. E hoje é considerado como em todas as classes sociais. Pelo o meu entendimento o candomblé não deve ser confundido com umbanda, macumba e outras religiões. (CASTRO, 2015)

Foto-6- Centro de Umbanda Caboclo Gentil Guerreiro



Autoria do organizador

A partir dos depoimentos acima percebe-se que os declarante tem noção das origens do candomblé, respeita e leva a sério a religião e que muitas pessoas tem preconceito ou até mesmo medo e acaba se distanciando dessa religião.

CAPÍTULO III ANÁLISE DE DADOS

CONVERSA COM A REPRESENTANTE DO CENTRO UILÊ AXÉ OIÁ
(MÁE LUCINHA)

1- Qual a importância do Candomblé para você, para sua família e para os participantes do centro? O que ele traz de bom para sociedade? E de ruim?

R- Candomblé para mim é tudo respeito o meu orixá que cultuo não como meu Deus, mas sim uma luz de bom pra sociedade, saúde, felicidade, respeito, luz e caminho abertos. Quando as pessoas usam o candomblé para praticar o mau, isso são as coisas ruins.

2- Na cidade de Carinhanha como as pessoas encaram a presença do Candomblé? Existe preconceito? Quais são os tipos de preconceito?

R- Encaram como se o candomblé fosse uma coisa ruim, que só faz macumba, feitiço, que faz coisas ruins.
Existe preconceito, as pessoas não respeitam nossa religião tem a gente como se fosse bruxas que só faz maldade para as pessoas.

3- Quais são os tipos de trabalhos realizados dentro do centro?

R- Limpeza, afastar as sombras malignas, rezar as pessoas, comemorar as festas dos orixás, trabalho de amor, oferendas para os orixás, roda de orixás nas quarta-feira, desenvolvimento dos filhos da casa, batismo, boré, Obi.

CONVERSA COM O GESTOR ALBERTO DOS SANTOS FARIAS FILHO DO COLÉGIO ESTADUAL CORONEL JOÃO DUQUE

1- Qual a importância de trabalhar diversidade cultural em sala de aula:

R- É importante porque visa garantir o direito das pessoas e/ou grupos assumirem e se manifestarem enquanto protagonista da sua identidade cultural. A escola por excelência é o espaço que permite abordar essa questão.

2- O Colégio Estadual Coronel João Duque trabalha diversidade Cultural?

R- Não há no currículo da escola essa abordagem especificamente, porém a escola aborda o assunto de forma pontual ; ainda timidamente.

3- Que atividades são realizadas na escola que contemple assuntos voltados a cultura, religião e outros?

R- Quando há seminário voltado para essa temática tratada de forma fragmentada nas disciplinas de sociologia e/ou filosofia. Ou quando realiza o projeto intitulado Novembro Afirmativo.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE HISTÓRIA FLORISVALDO NUNES E A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA IVETE DIAS.

1-Qual a importância de trabalhar na escola e em sala de aula a diversidade cultural?

Florisvaldo: Muitos dos males que atormentam a humanidade estão ligados à intolerância às diferenças. Esta intolerância está associada ao preconceito que, por sua vez, nasce da falta de conhecimento para se adquirir uma postura de respeito ao outro, ao diferente, é preciso conhecer. Nesse sentido a escola tem papel fundamental para alterar a presente realidade.

Ivete: É de extrema relevância o trabalho com o tema diversidade cultural na escola e em sala de aula uma vez que fortalece e valoriza os costumes bem como promove o respeito à cultura diferente.

2-Em suas aulas você trabalha temas voltados à diversidade cultural? Quais?

Florisvaldo: Uma preocupação que tenho é a de não fortalecer a visão tradicional que atribui às culturas e valores europeus uma posição central em detrimento das demais culturas. Temas como “as culturas indígenas, povos africanos, diversidade religiosa, conflitos étnicos” são tratados em sala para que os estudantes possam desenvolver um sentimento de respeito a diversidade.

Ivete: Busco valorizar a cultura popular de forma intrínseca à proposta curricular na perspectiva da própria língua portuguesa como patrimônio cultural. Diversos gêneros textuais como o cordel e outros estudos literários favorecem a abordagem da diversidade cultural como costumes, festas, crenças, lendas, diversidade linguística e outros aspectos.

3-Que atividades são realizadas que contemple a diversidade cultural?

Florisvaldo: Atividades de pesquisas que contemple diferentes povos, suas culturas, manifestações religiosas, rituais, etc. Realização de mostra cultural ; cine debates . Além disso a escola realiza, por exemplo, o projeto Novembro Afirmativo, com ações que envolvem pesquisas, palestras, cine debates, danças, desfiles, oficinas, todas voltadas para o conhecimento e valorização das culturas africanas.

Ivete: Pesquisas, leituras, realização de seminários, painéis temáticos, produção e releitura de textos.

De acordo com a fala de Mãe Lucinha percebe-se que os adeptos do candomblé de Carinhanha tem muito respeito por sua religião, é uma coisa importante e que faz parte da vida deles. Com relação às dificuldades fica claro que muitas pessoas que não seguem essa religião faz críticas a respeito da mesma como a própria mãe Lucinha disse “encaram como se o candomblé fosse uma coisa ruim.

Sobre a conversa com o gestor da escola professor Alberto, afirma que é importante trabalhar diversidade cultural em sala de aula porque visa garantir os direitos das pessoas assumirem e se manifestarem enquanto protagonista de sua identidade cultural. No entanto, ressalta que no currículo da escola não há essa abordagem especificamente, mas que a escola aborda esse assunto de forma pontual em seminários e quando realiza o projeto Novembro Afirmativo, projeto esse que acontece no mês da Consciência Negra e aborda questões de diversidade cultural e identidades. Os professores entrevistados afirmam e tem consciência de que trabalhar as diferenças é importante e se preocupam em abordar esse assunto em suas aulas.

Contudo, percebe-se que no currículo da escola ou no Projeto Político Pedagógico não há uma abordagem mais complexa e obrigatória sobre diversidade cultural e religiosa. Sendo assim as escolas podem melhorar no sentido de incluir em seus currículos ações para o trabalho efetivo com diversidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi pesquisado sobre o Candomblé e diversidade cultural percebe-se que se trata de um assunto extenso e muito importante para nós brasileiros, sobretudo nós baianos onde a influência do Candomblé e a cultura africana é predominante.

Essa pesquisa faz referência a diversidade cultural e religiosa presentes em nosso país, estado religião e município, busca mostrar as origens da nossa cultura, a história do Candomblé e os costumes e rituais em nossa cidade.

Com esse trabalho o interesse é sensibilizar as pessoas para questões de valorização da diversidade cultural e religiosa ao mesmo tempo entender como as escolas trabalham a diversidade cultural e se não trabalham, saber o motivo.

Tendo em vista que esse tema é bem interessante e amplo vale ressaltar que muitas coisas ainda podem e devem ser pesquisada, no momento algumas informações importante não foram contempladas por conta do tempo que foi curto, mas a pretensão é continuar com essa pesquisa em um outro momento, na escola e em outras dissertações e outros cursos.

Esse trabalho objetiva também que esse assunto desperte o interesse nas pessoas e que essa pesquisa possa colaborar para que as pessoas continuem pesquisando e que a escola repense sua prática inserindo em seu PPP e currículoo trabalho com diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Américo de Miranda. *A organização política social*. TEIXEIRA, Maria da Conceição. 2000.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós modernidade*.3. Ed. Rio de Janeiro, 1960.

LOPES, Carlos. Historiografia africana feito por africanos. In: Actas, do colóquio construção e Ensino da Historia da África Lisboa. 1995

ORTIZ, Bernabé Pérez. Zoudo de Cultura econômica, 1988.

PARES, Luis Nicolau. *Antes dos Orixás*. Dossiê África Reinventada. Revista de Historia da Biblioteca Nacional. Ano 1. Nº 6. 2005.

PRANDI, Reginaldo. *As religiões negras no Brasil:* para uma sociologia dos cultos afro-brasileiro. São Paulo, 1996

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil*: território e sociedade no inicio do século XXI. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2003.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negrada instituição*: os capoeiras na corte imperial 1850-1890 Rio de Janeiro: Acces, 1999.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotes da cor*: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida:* por um conceito de cultura no Brasil. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SOUZA, Neusa Santos. *Torna-se negro*: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TRINDADE, Azoilde Loretto da. *Debates:* multiculturalismo e educação 2002.

VEGER, Pierre. Orixás, Corrupio 1999

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

CONVERSA COM A REPRESENTANTE DO CENTRO UILÊ AXÉ OIÁ
(MÁE LUCINHA)

1-Qual a importância do Candomblé para você, para sua família e para os participantes do centro? O que ele traz de bom para sociedade? E de ruim?

2-Na cidade de Carinhanha como as pessoas encaram a presença do Candomblé? Existe preconceito? Quais são os tipos de preconceito?

3-Quais são os tipos de trabalhos realizados dentro do centro?

CONVERSA COM O GESTOR ALBERTO DOS SANTOS FARIAS FILHO DO COLÉGIO ESTADUAL CORONEL JOÃO DUQUE

1-Qual a importância de trabalhar diversidade cultural em sala de aula:

2-O Colégio Estadual Coronel João Duque trabalha diversidade Cultural?

3-Que atividades são realizadas na escola que contemple assuntos voltados a cultura, religião e outros?

ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE HISTÓRIA FLORISVALDO NUNES E A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA IVETE DIAS.

1-Qual a importância de trabalhar na escola e em sala de aula a diversidade cultural?

.

2-Em suas aulas você trabalha temas voltados à diversidade cultural? Quais?

3-Que atividades são realizadas que contemple a diversidade cultural?